

TEOLOGIA SISTEMÁTICA: uma discussão contemporânea a partir de Vincent Cheung

Gesiel Anacleto

Professor do curso de Teologia e Filosofia
Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI)

RESUMO

A Bíblia é a fonte primária para termos um conhecimento acerca de Deus, pois Ele se revelou aos homens que por inspiração divina registraram suas experiências com o divino. O estudo teológico se desenvolve a partir das escrituras sagradas, e, portanto, as doutrinas partem da Bíblia e convergem para ela. O centro da revelação bíblica é que Deus criou o homem para se relacionar com ele, todavia o relacionamento entre a criatura e o criador se dá no plano espiritual, logo, o conhecimento teológico visa esclarecer pontos importantes nesta relação e como é possível ter um melhor entendimento da vontade de Deus para o ser humano. A Bíblia diz que esta relação foi interrompida quando o homem pecou, e, portanto, foi estabelecido o plano da salvação para que novamente o homem tivesse uma relação profunda com Deus no plano espiritual. Para que esta relação seja reestabelecida, é necessário que haja fé em um Deus que se revela à sua maneira, e a maneira que Deus se revelou no decorrer da história inclui a encarnação do verbo que se fez homem, cuja finalidade foi reestabelecer uma relação direta e pessoal com Deus. A teologia contemporânea deve buscar respostas para as indagações do homem pós-moderno.

Palavras-chave: Teologia sistemática. Contemporânea. Doutrina.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo refletir sobre temas da teologia sistemática e seus desafios contemporâneos. Vivemos em um tempo em que houve um aumento significativo do conhecimento científico, no entanto, o ser humano continua sua busca por respostas com relação aos seus anseios espirituais. Nossa discussão teológica tem por base a Teologia Sistemática de Vincent Cheung. Os assuntos abordados pelo autor nos permitem uma discussão relevante para obter algumas respostas para os novos desafios que a teologia contemporânea tem enfrentado no momento.

É evidente que num estudo como este não será possível elaborar uma discussão muito detalhada a respeito de cada assunto. Procuramos fazer uma síntese de cada tema,

ou doutrina para aquele que quiser ter uma visão geral, sendo necessário procurar outras fontes para obter uma compreensão mais aprofundada dos assuntos aqui discutidos.

2 A BÍBLIA É A FONTE PRIMÁRIA DA TEOLOGIA

Conhecemos a Deus mediante sua revelação. O homem há muito tempo tem buscado conhecer a realidade última, a causa primeira de todas as coisas. Surgiram, ao longo dos tempos, várias teorias e ciências para explicar a origem de todas as coisas. Entre essas ciências, está a Teologia. Teologia é metafísica. A metafísica é o estudo da realidade última. Partindo deste axioma, entendemos que “A teologia se preocupa com a realidade última” (CHEUNG, 2003, p. 5). Essa realidade última, que chamamos

Deus, se revelou de diversas maneiras ao longo da história. A teologia como ciência sistematiza o estudo das doutrinas bíblicas que são resultado da revelação escrita.

O conhecimento de Deus é possível? Sim. Visto que “Teologia é possível porque Deus se revelou a nós através das palavras da Bíblia” (*id.* p. 6). Nesse ponto, entendemos a importância das escrituras sagradas para o desenvolvimento do conhecimento teológico.

De acordo com Millard J. Erickson (1997, p. 16) existem pelo menos cinco características para se entender a natureza da teologia, “A teologia é bíblica [...] A teologia é sistemática [...] A teologia é elaborada no contexto da cultura humana [...] A teologia é contemporânea [...] A teologia é prática”. Essas características são importantes para uma compreensão mais profunda do papel da teologia na vida cristã. É necessário considerar as características de sua natureza para não tornar a teologia um estudo abstrato e sem vínculo com a realidade humana. Por ora, vamos nos deter à importância da Bíblia sagrada para o desenvolvimento da teologia, pois essa sentença nos conduz ao entendimento de outro tema importante no estudo teológico, que é a possibilidade da teologia.

Quanto à possibilidade da teologia, vale lembrar que a “Teologia é possível porque Deus se revelou a nós através das palavras da Bíblia” (CHEUNG, 2003, p. 6). Como foi citado anteriormente, entendemos que uma das características da natureza da teologia é que ela é bíblica, e, portanto sua fonte primária de autoridade é a Bíblia sagrada. Todo e qualquer sistema teológico precisa submeter-se à autoridade das escrituras.

As escrituras ou palavras escritas de Deus são ponto de convergência do estudo teológico. De acordo com Wayne Grudem (1999, p. 26),

De todas as formas da Palavra de Deus, o ponto de convergência de nosso estudo na teologia sistemática é a Palavra de Deus em forma escrita, isto é, a Bíblia. Essa é a forma da Palavra de Deus disponível para estudo, pesquisa pública, exame repetido e como base para discussão uns com os outros.

Por mais que a teologia seja dinâmica, pois ela é o discurso humano acerca de Deus, ela deve, em sua essência, buscar uma aproximação cada vez maior do texto sagrado. As sagradas escrituras são o ponto para onde devem convergir todos os discursos teológicos em qualquer tempo ou situação histórica. Quando isso não acontece, tais ensinamentos podem gerar distorções doutrinárias e o surgimento de heresias como aconteceu no passado e está acontecendo no presente.

Por que é necessário o estudo teológico? Se a fonte primária da teologia é a Bíblia, entendemos que a teologia é necessária para que o cristão compreenda o significado das escrituras para ele no seu tempo histórico. “A teologia é necessária não somente para as atividades cristãs, mas também para tudo da vida e do pensamento. [...] A teologia procura entender e sistematizar sua revelação verbal, e é autorizada até onde ela reflete o ensino da Escritura”. (CHEUNG, 2003, p. 6). Todo cristão comprometido com o Reino de Deus reconhece a importância da teologia para o engrandecimento de Deus. Se a Bíblia Sagrada é a revelação de Deus, logo, o estudo teológico é importante e necessário para conhecer essa revelação.

De acordo com Alberto Roldán (2000, p. 77) “A teologia, em suma, serve à vida e à missão da igreja. Ela a capacita para a sua tarefa no mundo contemporâneo, um mundo em mudança, que nos interroga no campo social, político, econômico e ético. Somente encarando o fazer teologia de maneira séria, responsável e crítica podemos ser luz e sal da terra, como nos diz Jesus Cristo, o Senhor”. Vivemos em um mundo que procura respostas. Sociólogos, psicólogos, filósofos,

entre outros, têm elaborado suas respostas para os mais diversos questionamentos e a igreja de Jesus Cristo não pode ficar na inércia sem uma resposta para o mundo em crise. A teologia é a ciência que busca suas respostas à luz da Bíblia para os diversos questionamentos do mundo contemporâneo. É dessa forma que entendemos a importância da teologia para a vida e missão da igreja.

O teólogo precisa, acima de qualquer coisa, reconhecer as escrituras como sendo de origem divina, “A própria Escritura foi soprada por Deus” (CHEUNG, 2003, p. 13). Reconhecer que a Bíblia reflete o ser de Deus, “Visto que as palavras da Escritura são as próprias palavras divinas, alguém está olhando para o Senhor somente até onde estiver olhando para as palavras de Bíblia”. (*Ibid.*, p. 14). De acordo com o pensamento de Cheung, qualquer sistema teológico que despreza a Bíblia como sendo de origem essencialmente divina, perdeu o seu foco e está se afastando de Deus.

É necessário esclarecermos o que vem a ser inspiração divina das escrituras. Segundo Erickson (1997, p. 67) “Por inspiração das escrituras, entendemos a influência sobrenatural do Espírito Santo sobre os autores das *Escrituras*, que converteu seus escritos em um registro preciso da revelação ou que faz com que seus escritos sejam realmente a Palavra de Deus”. Sendo assim, é correto afirmar que “A Bíblia é a revelação verbal ou proposicional de Deus. É Deus falando a nós. É a voz do próprio Deus” (CHEUNG, 2003, p. 14). A Bíblia é revelação proposicional de Deus porque Ele se autorrevela de forma verdadeira. Webster (apud PEARLMAN, 1968, p. 20) define inspiração como “A influência sobrenatural do Espírito de Deus sobre a mente humana, pela qual os profetas, apóstolos e escritores sacros foram habilitados para explorarem a verdade divina sem nenhuma mistura de erro”.

Contudo, foram palavras escritas por homens, argumentam os críticos. Isso é

verdade, no entanto “O ‘elemento humano’ da Escritura, portanto, não prejudica a doutrina da inspiração, mas é consistente com ela e pela mesma explicado” (CHEUNG, 2003, p.16), pois o elemento humano é parte essencial do plano de Deus e utilizar-se do elemento humano para comunicar sua palavra não é torná-la menos divina do que é. O apóstolo Pedro tinha nítido em sua consciência que as escrituras eram inspiradas por Deus quando escreveu “Porque a profecia não foi antigamente produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo”. (II Pe 1.21). Cada um dos autores bíblicos tinha consciência de que o que escreviam eram as palavras de Deus. Em várias passagens bíblicas encontramos expressões tais como “Falou o Senhor a”, “Assim diz o Senhor”, ou ainda “Veio a palavra do Senhor a”. Essas expressões esclarecem a procedência do conteúdo das escrituras sagradas.

Se a escritura sagrada é inspiração divina e Deus é um só, logo temos que entender que a escritura precisa ter unidade em sua mensagem. De acordo com Cheung (2003, p. 16), “A inspiração subentende a unidade da Escritura. Que as suas palavras procedem de uma única mente divina, faz supor que a Bíblia deve exibir uma coerência perfeita. Isso é o que encontramos na Bíblia”.

A contradição está presente em todos os ramos do saber humano. Na Bíblia não há contradições. Os textos se diferem, mas não se contradizem. O texto que narra a tentação de Jesus no deserto (Mateus 4) é um exemplo claro de que o uso dos textos sagrados de maneira incorreta podem causar aparentes contradições. Nesse contexto, o estudo teológico ganha mais importância, pois o manejo incorreto das escrituras faz supor que haja incoerências nos textos sagrados. Quando as conclusões teológicas sobre determinado texto gerarem contradição, é importante lembrar que as conclusões estão equivocadas e não o texto bíblico.

Há textos de difícil entendimento. Textos que desafiaram as mentes mais brilhantes no campo da teologia. Acerca do mistério da Trindade, o próprio Agostinho afirmou que era um assunto misterioso e perigoso, pois “se você negá-la, perderá a salvação, mas se tentar compreendê-la, perderá a cabeça” (*apud* OLSON, 2001, p. 265).

Crer na Bíblia como a revelação de Deus e inspirada por Ele, necessariamente nos leva uma conclusão objetiva de que se isso é a verdade, logo sua palavra é infalível e não pode conter erros, pois a revelação escrita é também a revelação de Seu caráter. Cheung (2003, p. 19) resume de forma clara essa sentença quando diz que “A Bíblia não contém erro algum; ela está correta em tudo o que declara. Visto que Deus não mente nem erra, e que a Bíblia é a sua palavra, segue-se que tudo que nela está escrito tem que ser verdade”. Crer parcialmente na infalibilidade da Bíblia é comprometer todo o seu conteúdo. Qual a importância deste assunto para a igreja? Erickson (1997, p. 81) responde a esta questão fazendo a seguinte colocação: “Saber se a *Bíblia* é plenamente verdadeira é uma questão importante para nós no aspecto teológico, histórico e epistemológico”. São sobre estes aspectos que estão fundamentadas as principais doutrinas da igreja. Se estes aspectos não estiverem assentados sobre a verdade, todos os ensinamentos da igreja estão comprometidos, incluindo a verdade sobre a qual nossa fé está fundamentada. “Se, for provado que a Bíblia não é totalmente confiável, nossa ideia de inspiração também ficará prejudicada” (*Ibidem*).

O sentido de a Bíblia ter autoridade divina, quer dizer que são as palavras contidas nela que devem dirigir e comandar todas as nossas ações neste mundo. “Visto que a Escritura é a própria palavra de Deus, ou ele falando, a conclusão necessária é que ela porta a autoridade de Deus” (CHEUNG, 2003, p.20). Obedecemos a Deus se obedecermos

a sua palavra. Qualquer pessoa que se diz embaixador de Cristo e não se submete à autoridade da escritura está indo contra a autoridade do próprio Deus.

De acordo com Cheung (2003, p. 21, 22), a escritura é necessária por pelo menos quatro motivos: “para a informação precisa sobre as coisas de Deus. [...] é necessária como um fundamento para tudo na civilização humana, [...] é necessária para definir todo conceito e atividade cristã. [...] é necessária para o conhecimento que conduz à salvação”. Qualquer pessoa que deseja conhecer a Deus necessita conhecer as escrituras sagradas, pois é através dela que Deus se revela ao homem, de maneira que este pode consultar sua palavra sempre que quiser conhecê-lo melhor. A Bíblia Sagrada contém preceitos éticos que auxiliam na estruturação de uma sociedade justa, livre e fraterna. A Bíblia contém o mais elevado padrão ético e moral que o homem possa conhecer. O cristianismo está edificado sobre as escrituras sagradas, e estas, por sua vez, são necessárias para definirem os conceitos e doutrinas cristãs que norteiam toda e qualquer atividade dentro do cristianismo. Uma prática que se diz cristã precisa estar necessariamente pautada nas escrituras sagradas. Por fim, as sagradas escrituras são necessárias para o conhecimento que conduz à salvação, é neste sentido que o apóstolo Paulo chama a atenção de Timóteo quando escreve “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido, e que desde a tua meninice sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus” (II Tm 3. 14, 15). Jesus criticou duramente os fariseus quando apontou a causa de seus erros dizendo: “Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus” (Mt 22.29).

A Bíblia Sagrada é sem dúvida um livro profundo e complexo. Mesmo assim, ela não exclui nenhum tipo de leitor. Todos são convidados a ler suas palavras e interpretá-

las. Ninguém tem a autoridade suprema para a interpretação das escrituras, mas o estudo das escrituras exige que o leitor seja dedicado e humilde no manuseio das escrituras sagradas. Existe, no entanto, a necessidade de mestres na igreja para ensinarem os crentes com relação ao conteúdo das escrituras e sua interpretação. Para Cheung (2003, p. 23) “embora a doutrina da clareza da Escritura conceda a cada pessoa o direito de ler e interpretar a Bíblia, ela não elimina a necessidade de mestres na igreja, mas antes, afirma a sua necessidade”. Os mestres têm a responsabilidade de estudar e esclarecer pontos difíceis das escrituras para a edificação da igreja.

Se não houvesse nenhum outro livro, a Bíblia é suficiente em todos os aspectos da revelação de Deus e de sua vontade, “A Bíblia contém toda a vontade divina, incluindo a informação de que alguém precisa para salvação, desenvolvimento espiritual e direção pessoal” (CHEUNG, 2003, p. 25). A vida do cristão deve necessariamente ser pautada nas escrituras, pois ela pode nos instruir em todas as nossas decisões ao longo da nossa vida. É muito perigoso quando pregadores se utilizam de mais informações extrabíblicas do que bíblicas em suas pregações. Assim como estas informações podem enriquecer o sermão, podem tornar o sermão uma mistura que comprometa a essência da palavra de Deus. Os conhecimentos históricos e filosóficos precisam necessariamente estar sob a autoridade e suficiência das escrituras sagradas que exaltam a Jesus Cristo. Devemos cuidar, pois um pouquinho de fermento pode levedar toda a massa.

3 DEUS

Quem é e o que é Deus? “Deus é o Espírito infinito e perfeito em quem todas as coisas têm sua fonte, sustento e fim” (STRONG, 2003, p. 93).

Crer na existência de Deus é necessariamente uma atitude de fé. Alguns

críticos argumentam que a existência de Deus não pode ser provada cientificamente. Para que precisaríamos de fé se temos provas científicas da existência de Deus? Jesus disse à mulher samaritana “Deus é espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4. 24), e o escritor aos hebreus diz “porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele exista” (Hb 11. 6). Nós cremos em um Deus que é espírito e o único meio de nos aproximarmos Dele é através da fé.

Ao longo da história, vários argumentos foram sendo construídos para provar a existência de Deus. Não há espaço para discutirmos todos os argumentos existentes, portanto, iremos enfatizar apenas um que achamos importante para nosso estudo: o argumento cosmológico.

“O argumento cosmológico raciocina dos efeitos contingentes para a existência da primeira causa, ou do Deus criador” (CHEUNG, 2003, p. 28). Por efeitos contingentes, entendemos que para tudo o que existe no universo existe uma causa, é a causalidade.

No argumento cosmológico, dois pontos são fundamentais para o entendimento, a) todo efeito tem uma causa; b) o passado é finito. Esses dois fatores são fundamentais para compreender tal argumento. De acordo com este argumento, Deus é a causa primária. Sendo que houve uma causa primária, somos levados a concluir que o passado é finito. No entanto, não é possível determinar quando este passado teve início ou como veio a existir a causa primária do universo. Deus é o primeiro e o último, o começo e o fim.

Deus possui atributos singulares que o diferencia e o torna superior a sua criação. O que são os atributos de Deus? Para Cheung (2003, p. 42), “Os atributos divinos são as características de Deus, a soma das quais definem quem ele é”. Os atributos de Deus demonstram sua grandeza, magnificência e

superioridade em relação a suas criaturas. É através de seus atributos que Deus revela seu caráter. Diante disso, somos surpreendidos com mais um questão: É possível conhecer Deus? É possível conhecê-Lo até onde Ele se revelou. Conhecemos Deus a partir do que Ele revelou ao homem, e a Bíblia é o registro da revelação de Deus ao homem. Por meio dela, podemos conhecer aquilo que aprouve a Ele tornar conhecido a nós.

Precisamos salientar que, por mais que Deus escolheu se revelar ao homem e tornar-se conhecido, nunca teremos um conhecimento exaustivo acerca de Deus, “Mas só porque não podemos saber tudo a seu respeito, isso não quer dizer que não possamos conhecer algo sobre ele” (*Ibidem*, p. 43). Cognoscibilidade e compreensibilidade são dois termos distintos. A cognoscibilidade nos leva a entender que isso significa o mesmo que ter consciência de sua existência, ter informações, manter relações pessoais com; já o termo compreender tem um sentido mais profundo, pois diz respeito a uma concepção ideal e pessoal do objeto, é compreender os mecanismos que motivam determinadas ações. Podemos citar um exemplo para entendermos melhor essa questão. Eu conheço meu celular, suas funções e como posso utilizá-lo, no entanto não compreendo como essas ações são possíveis, quais mecanismos que existem que tornam possíveis minhas ligações ou enviar mensagens. É claro que este é um exemplo infinitamente menor em relação a Deus. Posso conhecer os planos de Deus, suas ações no tempo e no espaço, mas isso não quer dizer que compreendo as motivações que norteiam suas decisões. Mesmo que eu não encontre explicações para determinados eventos na história da humanidade, no entanto, o que eu conheço é acerca daquilo que Ele revelou, aceito pela fé que Ele está agindo na história e tem seus motivos não revelados para aquilo que Ele faz ou permite acontecer.

É importante ressaltar que quanto

mais conheço Deus mais possível torna-se a minha compreensão acerca Dele. Não posso negligenciar a possibilidade de conhecer a Deus através das escrituras sagradas. É dever de todo cristão buscar um conhecimento de Deus. O profeta Oséias convida o povo de Israel para conhecer ao Senhor dizendo, “Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor” (Os 6. 3).

A partir de agora, vamos discorrer sobre alguns atributos de Deus.

O primeiro é o da necessidade. ‘Deus existe por necessidade lógica’, isso equivale dizer que é impossível eu negar sua existência. Afirmar que Deus existe somente por necessidade factual em nossa realidade presente vai contra a lógica, pois Deus é absoluto e não existe nenhum outro mundo possível que Deus não exista nele.

“A imutabilidade de Deus decorre de sua eternidade. Visto que não haja “antes” ou “depois”, é imutável em seu ser e caráter” (CHEUNG, 2003, p. 46). Deus nunca foi mais poderoso do que agora, também nunca será mais santo do que já é. A Bíblia diz “tu és o mesmo Senhor” (Sl 102. 27) e “em quem não há mudança nem sombra de variação” (Tg 1.17). Wayne Grudem (1999, p. 111), define a imutabilidade de Deus da seguinte forma: “Deus é imutável no seu ser, nas suas perfeições, nos seus propósitos e nas suas promessas; porém, Deus age e sente emoções, e age e sente de modos diversos diante de situações diferentes”. Deus é imutável em sua essência e perfeição, pois se castigar o pecador por causa do que este pecador tenha cometido, Deus não está mudando ao executar justiça, pelo contrário, está afirmando sua imutabilidade quanto às leis que Ele estabeleceu.

A partir de agora, iremos enfatizar três atributos que são temas de muitas controvérsias que são os atributos relacionados com a criação: Onipresença, Onisciência e Onipotência.

A onipresença de Deus refere-se ao fato de que “Deus está de fato presente, seja onde for, no sentido de ele conhecer tudo o que ocorre em cada ponto do espaço, e pode exercitar seu pleno poder ali. Deus é onipresente porque nada pode escapar a seu conhecimento e poder” (CHEUNG, 2003, p. 52). A onipresença não pode ser confundida ou tomada no mesmo sentido que o panteísmo. De acordo com o panteísmo, Deus e as demais coisas existentes são uma mesma realidade integrada, o que vai contra a transcendência de Deus, pois ele está acima daquilo que foi criado. A Bíblia diz: “Sou eu apenas Deus de perto, diz o Senhor, e não também Deus de longe? Não encho os céus e a terra?” (Jr 23. 23, 24).

Para Cheung (2003, p. 55), “é suficiente dizer que a onisciência divina significa que Deus sabe todas as proposições, e isso é afirmar que Deus possui todo conhecimento”. A Bíblia contém várias porções que denotam esse atributo divino (Sl 147. 4; Mt 10. 29; Sl 33. 13-15; Is 46. 9, 10; At 2. 23). Deus conhece todas as leis que regem o universo, pois ele mesmo as criou, conhece todas as emoções humanas e quais suas reações diante dos fatos, pois o homem é sua imagem e semelhança.

Onipotência. Somente Deus é onipotente. Deus diz: “Eu sou o Deus Todo-poderoso” (Gn 17.1), ou “Haveria alguma coisa difícil para o Senhor?” (Mt 19.26). A Onipotência “É o poder de Deus de fazer todas as coisas que são objeto do seu poder com ou sem o uso de meios” (STRONG, 2003, p. 427). Deus fará sempre aquilo que é bom, ou que o resultado seja bom. Deus age dentro de sua vontade e sua vontade é “boa, agradável e perfeita” (Rm 12.2). Afirmer que Deus é Onipotente equivale dizer que Ele pode todas as coisas dentro de sua vontade.

4 HOMEM

O homem é um ser que possui em sua constituição física e psíquica a imagem do

seu criador. O homem é o único ser vivente que possui a imagem do seu criador, por isso ele recebe de Deus uma atenção tão especial. Em oposição à verdade bíblica de que o homem é um ser criado por Deus, existe a teoria da evolução, que defende o argumento de que o homem é resultado de sucessivas evoluções. O relato do livro de Gênesis deixa claro que o homem foi formado do pó da terra pelo Criador, “Portanto, a Bíblia ensina que o homem foi criado por um ato direto de Deus, e não através de evolução biológica” (CHEUNG, 2003, p. 52).

A Bíblia sagrada afirma que Deus formou o homem do pó da terra, “E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gn 2.7). O homem é uma criação direta de Deus e não resultado de um processo evolutivo que resultou em um ser tão complexo e perfeito quanto o ser humano. O homem foi criado para a glória de Deus.

A natureza humana possui características próprias do seu Criador, pois “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou” (Gn 1.27). Nossa imagem do criador está impressa em nossas faculdades mentais e espirituais. O salmista disse: “que é o homem mortal para que dele te lembres? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos e de glória e de honra o coroaste” (Sl 8.4,5). Deus coroou o homem de glória e de honra criando-o a sua imagem. Infelizmente, o homem cedeu à tentação no Éden e como consequência da queda o pecado entrou no mundo e este por sua vez causou separação entre o homem e Deus. O direito de domínio concedido por Deus ao homem foi perdido, por este motivo, Jesus em forma humana se entregou na cruz para recuperar o domínio perdido.

Quanto ao assunto da queda do homem, o debate é um tanto intenso devido aos vários questionamentos a respeito. A

queda do homem foi planejada por Deus? Se assim for, Deus é o autor do mal. A queda foi um acidente? Se assim for Deus não é onisciente. De acordo com Vincent Cheung (2003, p. 97), “Deus decretou ativamente a queda da humanidade como um dos meios pelos quais ele cumpriria seu plano eterno. O pecado não foi um acidente e a redenção não foi uma mera reação da parte de Deus”. No entanto, esta afirmação gera alguns problemas. Se Deus planejou a queda ele é o responsável pelo pecado existente no mundo, logo, se ele é responsável pela existência do pecado no mundo, Deus não é pleno de bondade, amor e perfeição.

A questão da existência do pecado no mundo é um problema para os estudiosos da Bíblia. O assunto requer muita cautela para não se tirar conclusões equivocadas e comprometedoras. Discutiremos um pouco melhor este assunto quando tratarmos do assunto da salvação. Por ora basta.

5 CRISTO

As discussões teológicas em torno da pessoa de Cristo tomaram tempo e energia considerável dos primeiros teólogos cristãos. O ponto central das discussões esteve em torno da sua natureza. “O cristianismo bíblico afirma que Cristo possui duas naturezas, que ele é tanto divino quanto humano” (CHEUNG, 2003, p. 118). Como isso é possível? “Na encarnação, Deus Filho tomou sobre si a natureza humana; isto é, ele acrescentou à sua pessoa o conjunto dos atributos que definem o homem. Ele fez isso sem misturar as duas naturezas, de maneira que ambos os atributos permaneceram independentes” (*Id.*). É importante ressaltar o que a Bíblia diz sobre isso “mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens” (FI 2.7 NVI). O esvaziamento de Cristo não foi de sua natureza ou divindade, mas da sua glória.

O fato de Jesus Cristo ter assumido a natureza e forma humana sem se abdicar de

sua divindade é fundamental para sua obra redentora na cruz. Jesus Cristo como homem representou toda a humanidade, assim como o pecado de Adão passou a todos os homens (Rm 5.12), a justiça de Cristo foi imputada a todos os que o receberem como salvador (Rm 5.15).

Por que era necessário que Cristo fosse plenamente Deus e plenamente homem? Wayne Grudem (1999, p. 445-446; 456-457) nos fornece uma possível resposta:

Quando examinamos o Novo Testamento, vemos vários motivos pelos quais Jesus tinha de ser plenamente humano para ser o Messias e obter nossa salvação. [...] Para possibilitar uma obediência representativa [...] Para ser um sacrifício substitutivo [...] Para ser o único mediador entre Deus e os homens [...] Para cumprir o propósito original do homem de dominar a criação [...] Para ser nosso exemplo e padrão de vida [...] Para ser o padrão de nosso corpo redimido [...] para compadecer-se como sumo sacerdote.

Quanto à divindade:

(1) só alguém que fosse Deus infinito poderia arcar com toda a pena de todos os pecados de todos os que cressem nele – qualquer criatura finita não seria capaz de arcar com tal pena; (2) a salvação vem do Senhor (Jn 2.9 ARC), e toda a mensagem das Escrituras é moldada para mostrar que nenhum ser humano, nenhuma criatura, jamais conseguiria salvar o homem – só Deus mesmo poderia; e (3) só alguém que fosse verdadeira e plenamente Deus poderia ser o mediador entre Deus e o homem (1Tm 2.5), tanto para nos levar de volta a Deus como também para revelar Deus de maneira mais completa a nós (Jo 14.9).

Tais argumentos esclarecem a importância desta doutrina para o cristianismo. Negar a veracidade desta doutrina é questionar um fato essencial na obra da redenção. Entendemos que não é uma doutrina simples ou de fácil compreensão, mas é incorreto negar algo simplesmente porque minha mente não

consegue compreender, agir desta forma é uma demonstração de estupidez maior do que não compreender determinado assunto. Muitos cétricos não aceitam tal ensinamento pelo fato de ser contrário à ordem natural das coisas, isto, no entanto não pode ser considerado como um elemento determinante para crer nesta doutrina, basta aceitar o fato de que Deus pode operar o sobrenatural no mundo natural.

Quanto à extensão da obra redentora de Cristo, Vincent Cheung (2003, p. 128), faz a seguinte colocação: “Quanto à extensão ou o escopo da expiação, muitas pessoas presumem que Jesus morreu por todo ser humano; contudo, a Bíblia ensina que morreu somente por aqueles a quem Deus tinha escolhido para salvação, isto é, os eleitos”. Essa afirmação contradiz muitas passagens bíblicas que falam a respeito deste assunto. Afirmar que a salvação é para todos não é o mesmo que aderir a posição universalista de que no fim todos serão salvos. É muito importante pensarmos sobre o que Charles Finney (2001, p. 296) escreveu sobre tal assunto:

Se a expiação não fosse destinada a toda a humanidade, seria-nos impossível não considerar Deus insincero ao lhe fazer a oferta da salvação por meio da expiação. Se a expiação foi feita para uma parte apenas, nenhum homem pode saber se tem o direito de abraçá-la até que uma orientação direta de Deus lhe faça saber que ele faz parte do grupo. Se os ministros não crerem que ela foi feita por todos os homens, não poderão instar, de modo sincero e honesto, qualquer indivíduo ou congregação do mundo a aceitá-la, pois não podem garantir a qualquer indivíduo ou congregação que exista mais expiação para eles do que há para Satanás.

João Batista, ao ver Jesus Cristo se dirigindo ao Jordão para ser batizado, disse: “Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1. 29), Jesus disse acerca do amor de Deus, “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho

unigênito, para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (Jo 3. 16, 17), “E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (I Jo 2. 2). Em nenhum momento estes versículos restringem a salvação a um grupo de pessoas eleitas, mas é a salvação extensiva a todo o mundo. Falaremos mais deste assunto quanto tratarmos da questão da salvação.

A supremacia de Cristo está no fato de que Ele foi o único Homem sem pecado capaz de consumir a obra da Redenção. O fato de ele ter se abdicado do seu trono para morrer pelos pecadores e vencer a morte faz dele soberano em todas as coisas. A atitude de Cristo em relação ao mundo pecador e sua autoentrega na cruz foi um fato extraordinário no universo, “Pelo que Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus pai” (FI 2.9-11).

6 SALVAÇÃO

Com relação ao tema da salvação, existem duas teorias que são defendidas por diferentes grupos de teólogos evangélicos. Ambas possuem pontos difíceis de conciliar, pois possuem um vasto argumento bíblico para defender suas respectivas posições. De acordo com Vincent Cheung (2003, p. 153):

A doutrina bíblica da eleição ensina que Deus escolheu um número definido de indivíduos para obter salvação mediante a fé em Cristo. As identidades exatas dessas pessoas foram determinadas e são inalteráveis. Deus elegeu tais indivíduos sem qualquer consideração por suas decisões, ações e outras condições neles, mas a base de sua opção foi somente seu querer. Ele as escolheu para a salvação tão somente

porque quis escolhê-los, e não porque ele previu qualquer coisa que eles fossem decidir ou fazer.

Apesar de Cheung apresentar um vasto apoio bíblico à sua teoria, alguns pontos de interrogação ainda existem. Não irei levantar muitos questionamentos, no entanto há um texto que desejo colocar para uma breve reflexão. “De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus” (Rm 14. 12). Como Deus pedirá contas a alguém que está destinado a ir para o inferno? É contraditória essa situação. Somente podemos pedir contas a alguém se esta pessoa tiver livre escolha. No sentido que é apresentada a teoria da eleição, o homem não possui autonomia nem para crer em Cristo ou deixar de crer, porque Deus escolheu qual será o destino eterno desta pessoa. Isso contradiz alguns textos bíblicos que deixam claro a possibilidade de escolha por parte do homem, pois a Bíblia diz “O que mata um boi é como o que fere um homem; o que sacrifica um cordeiro, como o que degola um cão; o que oferece uma oblação, como o que oferece sangue de porco; o que queima incenso, como o que bendiz a um ídolo **também estes escolhem os seus próprios caminhos, e a sua alma toma prazer nas suas abominações**” (Is 66.3, grifo meu). Se é uma escolha, logo essa escolha é livre, se é livre não pode ser predestinada, pois se assim for, por consequência, não será uma escolha e sim uma sentença.

Em contrapartida, a teoria da expiação universal, assim como a teoria da expiação limitada, apresenta fortes argumentos para sustentar sua posição. Millard Erickson (apud PECOTA, 1996, p. 360), “A hipótese da expiação universal consegue levar em conta um segmento maior do testemunho bíblico com menos distorção que a hipótese da expiação limitada”. Nesse sentido, Daniel B. Pecota (1996, p. 360) afirma:

Por exemplo, Hebreus 2.9 diz que Jesus, pela graça de Deus, provou a morte para “todos”. Fica bastante fácil

argumentar que o contexto (2.10-13) não significa todos de modo absoluto, mas “os muitos filhos” que Jesus traz à glória. Semelhante conclusão, no entanto, vai além da credibilidade exegética. Além disso, há um sentido universal no contexto (2.5-8,15). Quando a Bíblia diz que “Deus amou o mundo de tal maneira” (Jo 3.16) ou que Cristo é “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29) ou que Ele é “o Salvador do mundo” (I Jo 4.14), significa isso mesmo.

A meu ver a teoria da expiação universal encontra um apoio mais plausível das escrituras no que se refere à extensão da obra expiatória de Cristo. Quando Deus chamou a Abraão, fez uma promessa dizendo: “e em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3). Desde o início, o anúncio da salvação possui uma conotação universal, não no sentido de que todos serão salvos, mas aqueles que crerem.

Ambas as teorias possuem seus argumentos, têm seus pontos positivos e negativos. Cabe aos estudantes de Teologia dedicar-se com afincamento e humildade na busca de respostas bíblicas para seus argumentos.

7 CONCLUSÃO

A Teologia tem sua fonte de estudo e pesquisa na Bíblia Sagrada, pois reconhecemos que esta é inspirada por Deus e possui autoridade divina em todas as questões da vida humana. A Bíblia nos proporciona o conhecimento de Deus até onde ele se revela nas escrituras, é possível conhecer seus planos para a salvação do homem através de Jesus Cristo, que, sendo Deus, assumiu a forma humana para resgatar o homem da sua vida de pecado e outorgar-lhe a graça salvadora e a esperança da vida eterna.

O homem atual está em busca de respostas para as muitas questões que ocupam sua mente, muitas vezes lhe causando ansiedade e desespero. A Teologia deve servir como meio para apresentarmos

respostas que confortem a alma e tragam esperança para os corações desiludidos. As discussões teológicas devem servir ao propósito de apresentar aos homens o caminho que leva ao conhecimento cada vez mais profundo acerca de Deus, e ainda, que essas discussões não sejam motivos de separações e intrigas entre o povo de Deus, mas que, acima de tudo, cumpra um papel pedagógico no sentido de incentivar a pesquisa e ampliar o conhecimento teológico em nossos seminários e igrejas, para melhor atender as pessoas que buscam respostas para seus dilemas mais profundos.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**.

Tradução: João Ferreira Almeida. 49. ed.
Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1981.

CHEUNG, Vincent. **Teologia Sistemática**.

2003. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/livros/teologia_sistemica_completa_cheung.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2014.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FINNEY, Charles. **Teologia Sistemática**. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2001. 743p.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. Rio de Janeiro: Emprevam Editora, 1968.

PECOTA, Daniel B. A obra salvífica de Cristo. In: HORTON, Stanley M. (Org.)

Teologia Sistemática. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

ROLDÁN, Alberto F. **Para que serve a Teologia?** Curitiba: Descoberta, 2000.

STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003.